

CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER

NO TUMUCUMAQUE OESTE



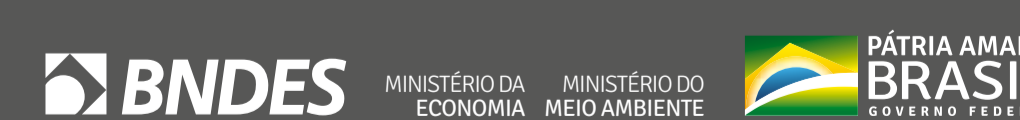
realização

apoio



Rainforest Foundation
Norway

GORDON AND BETTY
MOORE
FOUNDATION



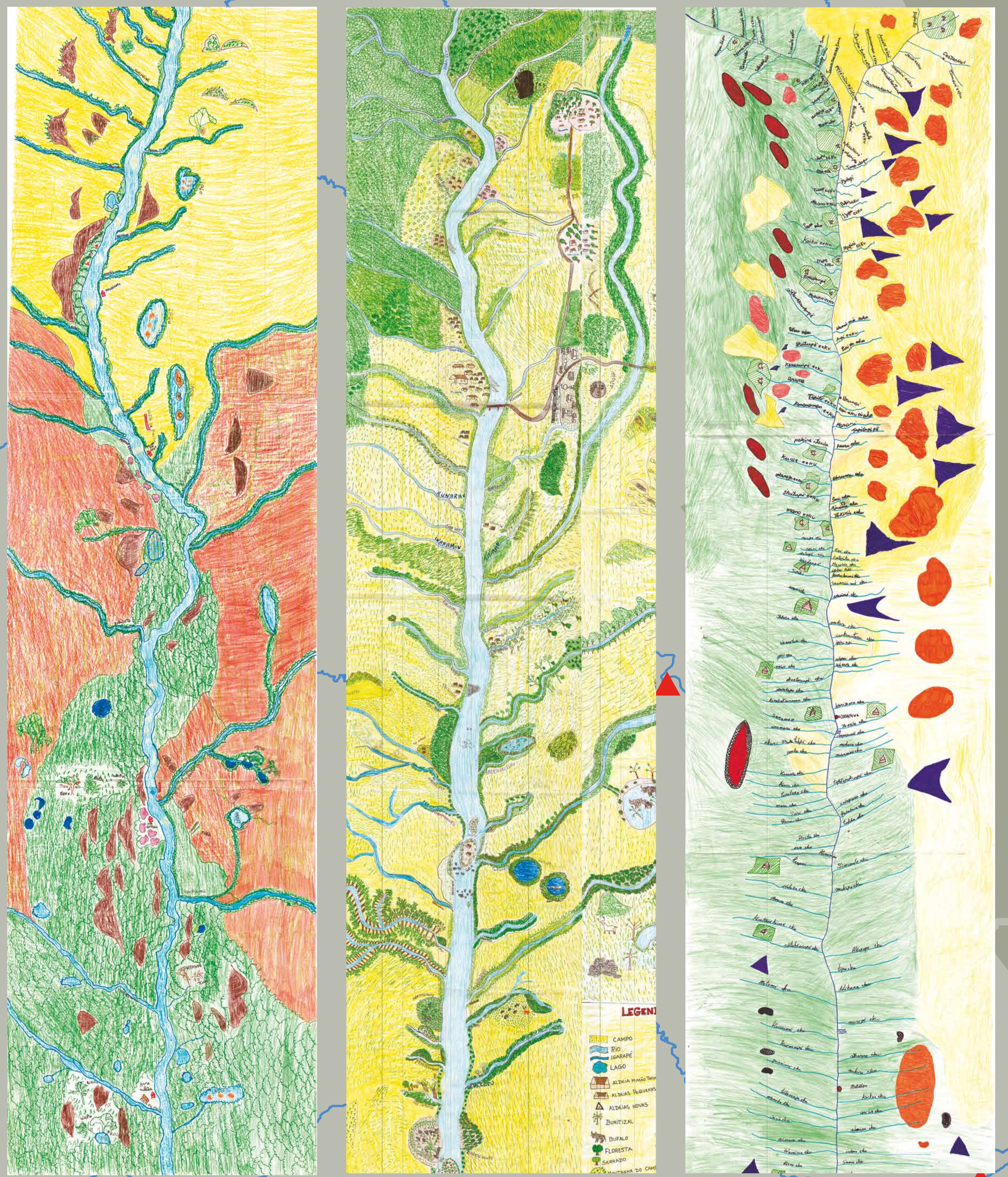
organização e edição de textos: Denise Fajardo e Cecília de Santarém
colaboração: Francisco Paes e Nacip Mahmud Láuar Neto
fotos: acervo do Iepé e da Funai
projeto gráfico: Renata Alves de Souza | Tipográfico Comunicação



NOSSAS TERRAS INDÍGENAS

OESTE

Vivemos no lado oeste do Complexo Tumucumaque, hoje compreendendo 38 aldeias, distribuídas ao longo dos rios Paru de Oeste e Marapi. A nossa região é coberta de florestas em algumas partes e de savana (campos) em outras partes, conforme os nossos mapas abaixo mostram.



Lado Oeste
 MUNICÍPIOS DO PARÁ
 Oriximiná / Óbidos / Almeirim / Alenquer / Monte Alegre
 MUNICÍPIOS DO AMAPÁ
 Laranjal do Jari
 SUPERFÍCIE (HA)
 3.071.067
 ALDEIAS
 38 aldeias, cerca de 1700 pessoas

Atualmente, somos cerca de 1700 pessoas, vivendo na região dos rios Paru de Oeste e Marapi, em 38 aldeias. Falamos as línguas tiriyo, katxuyana, tixikiyana, wayana, aparai, wajãpi.

CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER
NO TUMUCUMAQUE OESTE

QUEM SOMOS



Tiriyo é o nome que o Branco nos deu. Na nossa língua, a gente se chama de Tarëno. Os Tarëno são muitos: Pïrouyana, Aramayana, Okomoyana, Sakëta, Maraso, Akuriyo, Piyanakoto e outros. Todos hoje chamados de Tiriyo, mas somos todos Tarëno: "ainya Tarënoton", assim é que a gente fala na nossa língua mesmo.

Lideranças e jovens participantes da formação em Gestão Ambiental e Territorial Tumucumaque Lado Oeste

Meu pai morava lá no rio Cachorro, afluente do Trombetas. Faz tempo que eles vieram para cá, ele e meu tio João do Vale. Foram os Tiriyo, representantes Tiriyo que eram pastores, que foram lá e trouxeram meu pai para cá, para a Missão Velha. Era o tempo do Brigadeiro Camarão, que trabalhava com missionários. Eles se juntaram através da religião. Então eles vieram. Os caciques da aldeia da Missão Tiriyo resolveram dar uma área para eles abrirem uma aldeia lá para cima. Era aldeia do Akapu, só dos Katxuyana. Eles ficaram por lá uns 5, 6 anos. O cacique Manoel era quem cuidava dessa aldeia. Aí os Katxuyana estavam aumentando. Então meu pai resolveu abrir aldeia Taratarhpë. A minha mãe e minha irmã ainda ficaram um tempo para lá. Depois voltaram para a Missão Tiriyo. Aí começou a ter mais filhos, nos anos 1990 e decidiram reabrir essa aldeia. Agora está funcionando como aldeia, porque a mata ficava cada vez mais longe, e lugar de roça e caça também. Mas lá caça, roça e mata estão bem próximos da aldeia até hoje, e as crianças estão vivendo bem.

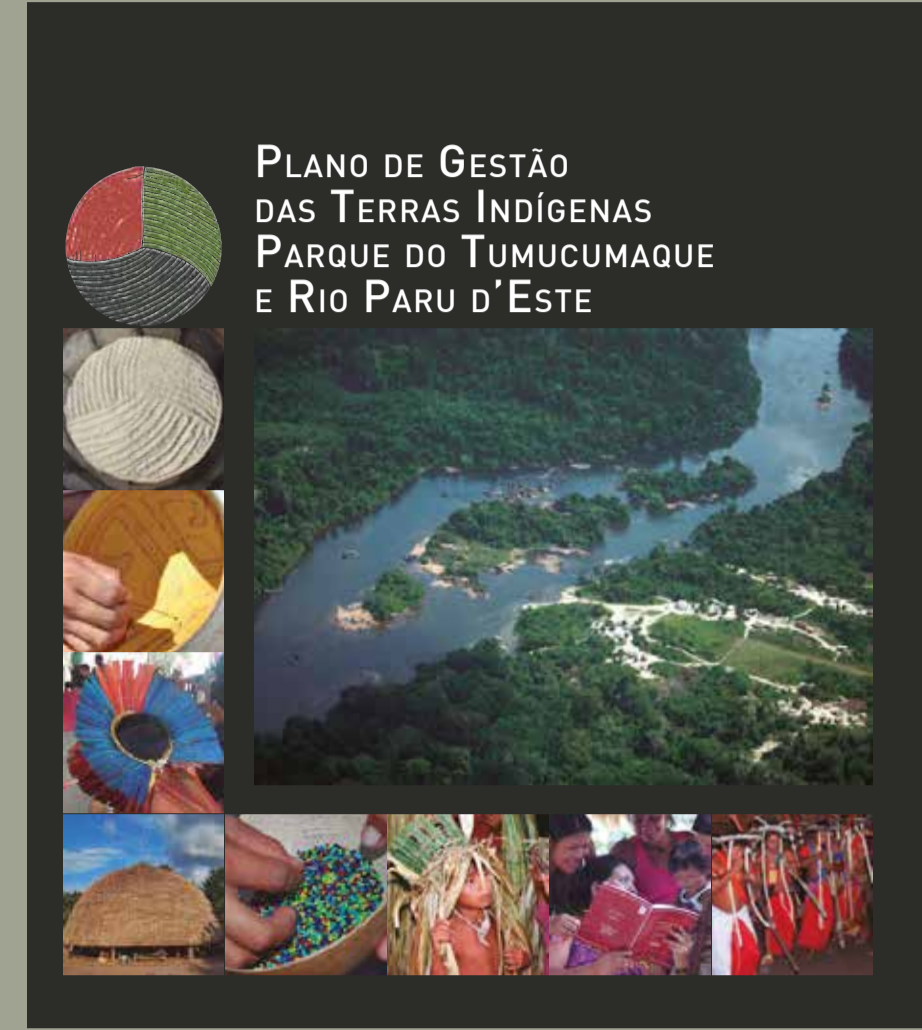
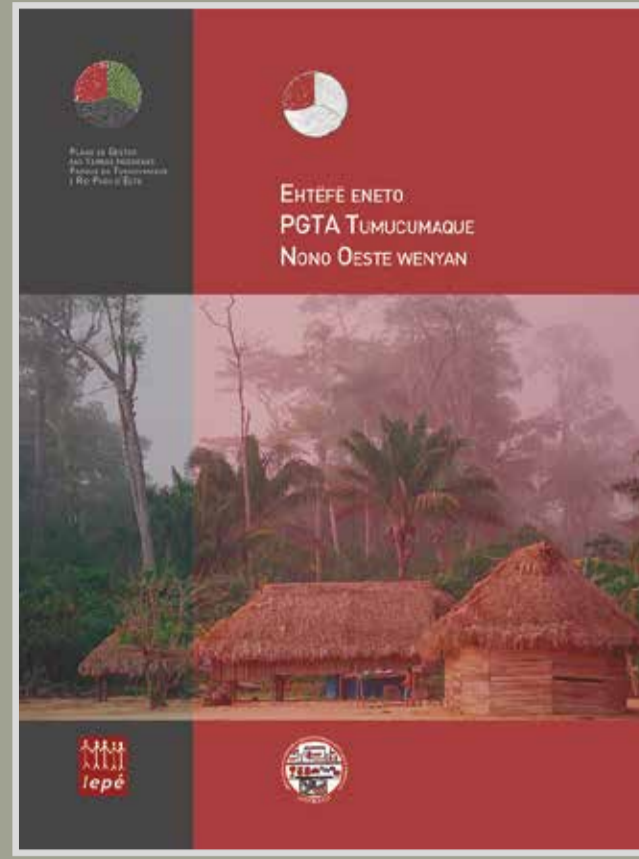


Ubirajara Ke'su,
Aldeia Taratarhpë

CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER
NO TUMUCUMAQUE OESTE

A IMPORTÂNCIA DO PGTA



Este trabalho é muito importante para que o PGTA se torne ferramenta cada vez mais forte na realização de nosso bem viver e proteção de nossa terra. Teremos as informações necessárias para tomar as melhores decisões para a construção de nosso futuro, para promover a formação dos jovens e lideranças e para divulgar novos conhecimentos para todos os povos do Tumucumaque.

Lideranças e Jovens participantes da formação em Gestão Territorial e Ambiental



PGTA PNGATI imuku – o PGTA é filho da PNGATI.

É assim que os jovens participantes da Formação de Jovens e Lideranças em Gestão Territorial e Ambiental explicam o que é o PGTA: fruto da PNGATI (Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas, decreto 7747, de 5/julho/2012).

Nosso PGTA é como uma árvore: os eixos são o tronco, e as ações são os galhos. Tem galho que é proteção territorial, galho que é governança, galho que é a formação de jovens e lideranças. Cada jovem interessado em cuidar da terra é fruto dessa árvore.

Aventino Nakai Kaxuyana Tiriyo
Jovem participante da Formação em Gestão Territorial e Ambiental e presidente da APITIKATXI – Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana

CUIDANDO DO NOSSO

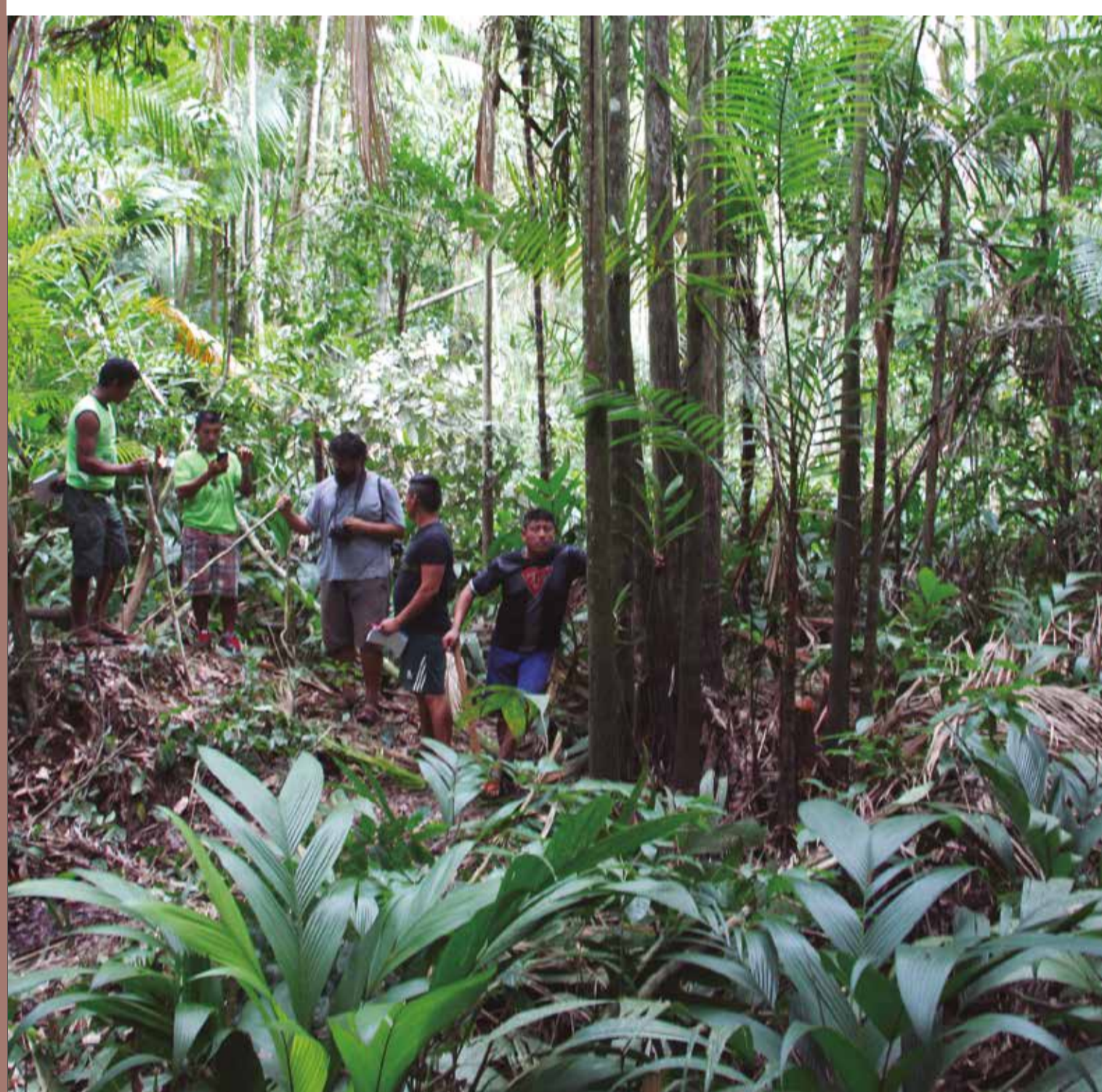
BEM VIVER
NO TUMUCUMAQUE OESTE

MANEJO E USO SUSTENTÁVEL DE RECURSOS NATURAIS

A demarcação das terras indígenas é um direito fundamental conquistado, mas que modifica os padrões de ocupação tradicionais, pois agora as nossas terras indígenas são circundadas por áreas de proteção integral. Assim, as possibilidades de mudança de locais agora são restritas, fazendo com que novas alternativas tenham que ser encontradas nessa configuração limitada de terras.

É nesse sentido que diversas práticas de manejo têm sido conduzidas nessas terras indígenas, como pode ser acompanhado a seguir. Com a colaboração do Iepé e da Funai, estamos produzindo livros que contem das nossas experiências com Roças e com Mel.

BOAS PRÁTICAS DE MANEJO DE RECURSOS NATURAIS



No início da implementação do nosso PGTA, cada aldeia escolheu as atividades para as quais gostaria de ter apoio, e uma delas foi o fortalecimento das boas práticas no manejo de recursos naturais, principalmente do açaí, bacaba e banana, copaíba, dentre outros. Para tanto, contamos com Assistência Técnica, oficinas de manejo e alguns representantes de nossas comunidades locais participaram de intercâmbios para novos aprendizados e trocas de experiências.

MELHORIA NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS



No âmbito desse apoio foram implantados Sistemas Agroflorestais (SAF's) voltados à diversificação da produção dos quintais (incentivo ao plantio de frutíferas), bem como ao melhor aproveitamento de manejo das roças. Para tanto foram adquiridos equipamentos e acessórios (usados para manutenção dos SAF's, com aproveitamento de galhos das plantas, realização de podas, controle de ervas nativas, etc).

MELHORIA DA ATIVIDADE DE APICULTURA E MELIPONICULTURA



Investimentos na melhoria da apicultura e incentivo à meliponicultura foram feitos nas Aldeia Jaherai e Bona, na região Leste do Tumucumaque e na aldeia de Santo Antônio no lado Oeste, além de realizadas oficinas e troca de saberes em 26 aldeias para apoio às iniciativas locais.

No lado oeste, a aldeia de Santo Antônio, construiu, até este momento, 43 caixas de criação racional de abelhas *Apis melífera* e um posto de mel comunitário, para beneficiamento primário da produção de mel e própolis, e também um estudo de caso sobre a cadeia produtiva do mel (subprodutos e comercialização) como possível fundo rotativo para a comunidade.

CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER
NO TUMUCUMAQUE OESTE

FORMAÇÃO DE JOVENS



JOVENS E LIDERANÇAS DO TUMUCUMAQUE OESTE E LESTE



INTERCÂMBIO NO OIAPOQUE



INTERCÂMBIO NO XINGU



DIÁLOGOS AGROECOLÓGICOS NA EMBRAPA



INTERCÂMBIO NA TI KAXUYANA-TUNAYANA

Em 2016, iniciou-se a Formação de Jovens e Lideranças em gestão Territorial e Ambiental, conduzida pelo Iepé, em parceria com associações APIWA e APITIKATXI, apoio da Funai e recursos do Fundo Amazônia/BNDES. Ao longo dos sete módulos presenciais realizados nesses anos, tratou-se de temas como Direitos Indígenas e Indigenistas, Proteção Territorial, Associativismo, Elaboração e Gestão de Projetos, Políticas Culturais, Sistemas de Conhecimentos, Modelagem Sistêmica, Agroecologia, Manejo e Uso Sustentável de Recursos. Além de módulos semestrais, também foram realizadas diversas atividades práticas de manejo ao longo do ano, bem como intercâmbios para conhecer outras iniciativas, tanto indígenas quanto não-indígenas.

Os intercâmbios mostram a diversidade de outros povos e conhecimentos, tanto dos outros quanto nossos. É importante termos esses intercâmbios para termos essas trocas de conhecimentos. Participei do Encontro Kahyana e vi como é bom os outros povos se organizando. Também aprendemos mais sobre a gente mesmo. O que pode melhorar é que as pessoas que foram para essas experiências devem compartilhar com jovens e mais velhos aquilo que viveram. Tem me trazido muita força conhecer essas outras pessoas nos intercâmbios.

Dagoberto Waiyo Tiriyo

CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER
NO TUMUCUMAQUE OESTE



Fundação da APITIKATXI
Associação dos Povos
Indígenas Tiriyo, Kaxuyana
e Txikuyana, em 24 de
outubro de 2004

GOVERNANÇA

PGTA e Formação tem a ver com governança. E governança é aqui, como se vive na aldeia, na nossa terra e no nosso território.

Alciano Tiriyo

A fala de Alciano destaca que a governança do PGTA é um exercício fundamental de autonomia. Durante a Formação de Jovens e Lideranças, enfatiza-se as contribuições que os mesmos oferecem para os caciques nas decisões para se viver bem em terra demarcada. A governança do PGTA acontece com o monitoramento do mesmo. É na Assembleia que se discute o que tem sido feito, o que precisa melhorar e como será a continuação do trabalhando para viver bem em terra demarcada, pois estão presentes caciques, lideranças, jovens e mulheres de todas as aldeias, além da diretoria da APITIKATXI e de convidados (parceiros e órgãos governamentais). Um diferencial do PGTA em questão é plano de monitoramento, onde cada aldeia conversa entre si sobre o que tem sido feito, o que ficou parado, o que não está bom. E a partir dessas discussões internas, todos, em Assembleia, oidem avançar em conjunto.

Os resultados dos projetos e atividades são divulgados para e pelas associações, comunidades, lideranças e Funai para fins de controle social e monitoramento

Encontros de Caciques e Assembleias: associação, lideranças, comunidade e parceiros discutem sobre questões e planejamento do PGTA



Reuniões de Núcleo Técnico do PGTA: lideranças, associação e parceiros, técnicos e a Funai planejam as ações que visam tirar do papel o PGTA

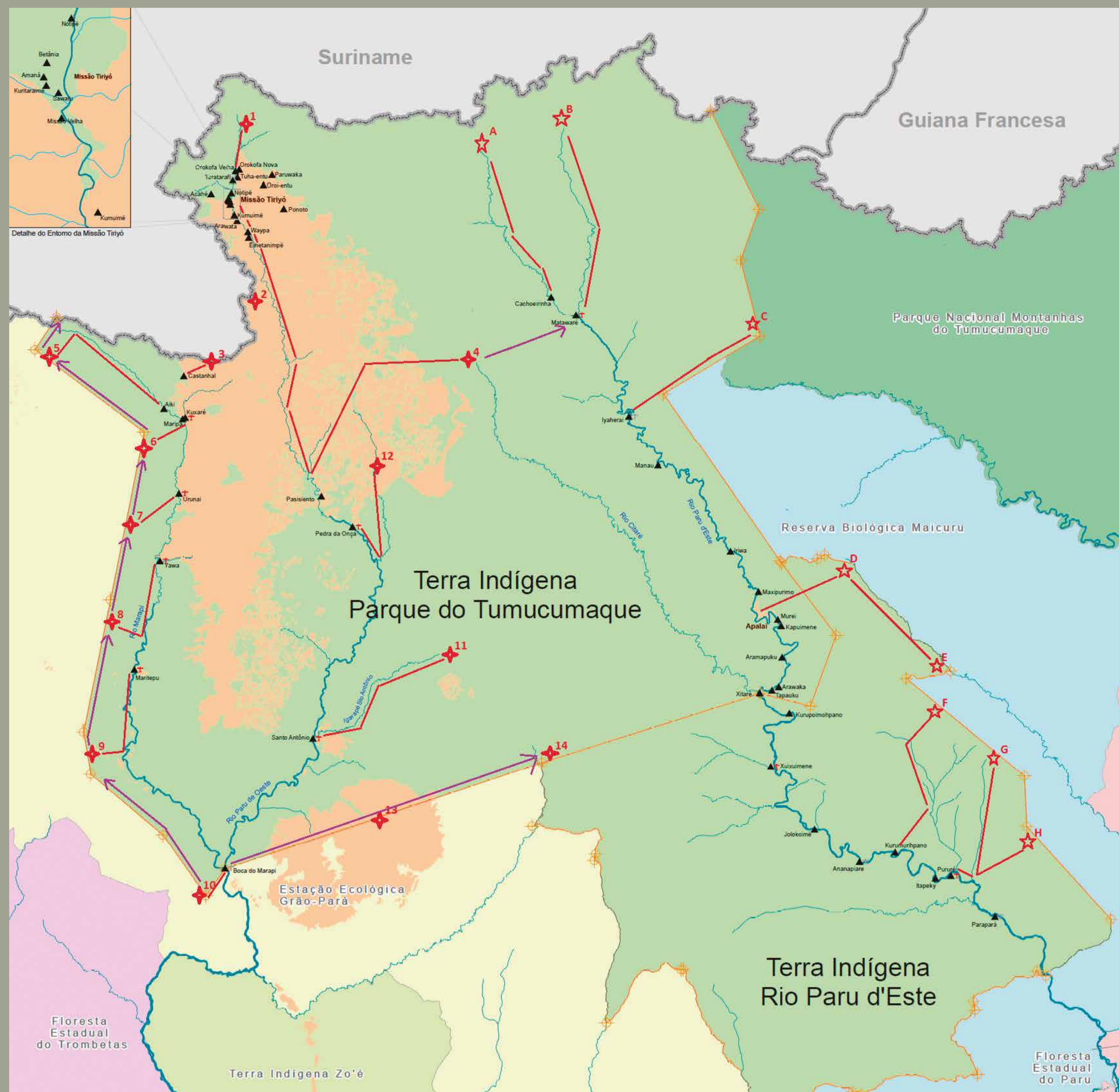
Uma vez acordadas, as ações dos projetos são executadas com o acompanhamento das comunidades, lideranças, associações e da Funai

As propostas de projetos e atividades voltam para as associações, lideranças e comunidades para revisão, consulta e planejamento conjunto das atividades



PROTEÇÃO TERRITORIAL

Homologação da
 Terra Indígena
 Parque do
 Tumucumaque (Decreto
 s/n – 04/11/1997)



Em nosso Plano de Gestão, destacamos que: “Para que um trabalho de proteção territorial frutifique, é necessário que haja mobilização, comunicação e mobilidade entre as comunidades e entre as Terras Indígenas e os órgãos competentes pela fiscalização e proteção territorial: Funai, Polícia Federal, Forças Armadas e MPF. Diante da ameaça constante de invasão por garimpeiros e do desconhecimento da área total e dos limites das terras indígenas por seus habitantes, tornou-se fundamental implementar um trabalho que garanta a integridade física do território protegido”.

Após 4 anos do início da implementação de nosso PGTA, vemos a importância que essas articulações têm tido. Destacamos as seguintes atividades, realizadas por meio da parceria de nossas associações APITIKATXI e APIWA com Funai e Iepé.

Vegetação

- Cerrado

PARU OESTE		PARU D'ESTE	
POSTO /kanpu rito	ALDEIA	POSTO	ALDEIA
1 – Nascente Paru	Paparampê	A – Cabeceira do Paru	Cachoeirinha, Mataware, Iaheral, Manau,
2 – Fronteira	Turunkane	B – Cabeceira do Matawaré	Taunumai.
3 – Fronteira	Castanhal	C – limite Montanhas do Tumucumaque	Jaheray
4 – Nascente Xitaré	Missão	D – Nascente do Ipitíngia	Bona, Murel, Maxipurimo, Kurieukuru, Aramapuku, Arawaka, Tyryyman, Xitare Tary e Tapauku
5 – Nascente Marapi	Aiki	E – Alto rio Ipitíngia, via Igarapé Tawaeukuru	Kurumurihpano
6 – Marco	Kuxaré	F – Divisa leste pelo Igarapé Opohpo	Parapara, Purure, Itapeky, Kurumurihpano, Xuiximene.
7 – Divisa UC	Yawa	G – Cabeceira do Mopeku	
8 – Divisa UC	Urunai	H – Foz do Mopeku	
9 – Divisa UC	Maritepu		
10 – Foz Marapi	Boca do Marapi		
11 – Nascente Igarapé	Santo Antonio		
12 – Igarapé 15	Pedra da Onça		
13 – Divisa sul Cerrado	Grupo de várias aldeias		
14 – Linha sul nascente	Grupos de várias aldeias		

Aldeia Central
 ▲ Aldeia
 ▲✈ Aldeia com Aeroporto
 ▲✈✈ Aldeia com Aeroporto em construção
 ⊕ Marco Demarcatório
 — Fronteira internacional
 Estação Ecológica Grão-Pará
 Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque
 Reserva Biológica Maicuru
 Floresta Estadual do Paru
 Floresta Estadual do Trombetas

→ Expedições a partir de abril/2018
 → Expedições a partir de abril/2019

ELABORAÇÃO DE UM PLANO INTEGRADO DE VIGILÂNCIA



CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER
NO TUMUCUMAQUE OESTE

PROTEÇÃO TERRITORIAL

EXPEDIÇÕES DE MONITORAMENTO TERRITORIAL E AMBIENTAL



Parcerias inéditas permitiram a realização de um ambicioso processo de capacitação em vigilância e monitoramento territorial e ambiental nas TIs do complexo de Áreas Protegidas do Escudo das Guianas.

Nos últimos dois anos, entre reuniões da análise de mapas e imagens de satélite, oficinas para uso de GPS, expedições por água, por terra e por ar, a Funai pode atuar em 14 aldeias dos indígenas Apalaí, Wayana e Tiriyó, percorrendo cerca de 500 quilômetros pelos rios da região e mais de 400 km a pé, por trilhas abertas pela densa floresta amazônica. Foram 12 servidores da Funai envolvidos, 4 técnicos do Instituto Florestal do estado do Pará, quatro indigenistas do Iepé e cerca de 250 indígenas envolvidos direta e indiretamente com esse projeto.

Entre nossos principais objetivos, destacamos o incentivo ao conhecimento e à exploração do território, marcado pela abundância e fartura de alimentos, rios, plantas, peixes e animais, e o registro dessas atividades, com o uso de GPS, máquinas fotográficas e filmadoras.

LOCALIZANDO MARCOS GEODÉSICOS



Um dos objetivos das expedições de monitoramento territorial e ambiental foi a localização de marcos geodésicos e a substituição de placas de sinalização da Funai, fixados há mais de 3 décadas. Foram 6 marcos localizados e 9 placas substituídas e/ou fixadas.

CONSTRUÇÃO DE POSTOS DE VIGILÂNCIA

Para facilitar trabalhos de monitoramento territorial e ambiental em atividades futuras, foram construídos postos de vigilância nas extremidades do território indígena. Nas regiões visitadas, foram feitas aberturas na mata nas quais foram construídas casas de apoio e plantadas variedades de espécies comestíveis.

No posto construído no limite sudeste da TI Rio Paru d'Este, divisa da TI com a Rebio Mai-curu, contamos com o acompanhamento do gestor dessa unidade de conservação do Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará - Ideflor-bio.



CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER
NO TUMUCUMAQUE OESTE

PROTEÇÃO TERRITORIAL

QUESTÕES DE AUTONOMIA

Outrora, os povos do Tumucumaque ocupavam um território muito maior do que os limites físicos das Terras Indígenas oficiais a eles delimitadas. Sua história, tal como registrada pelos não indígenas, nos informam que eles viveram, ao longo do século XX, um amplo processo de concentração populacional e dependência de agências assistencialistas estatais ou religiosas. Hoje dependem exclusivamente de pequenas e perigosas aeronaves para fazerem seus deslocamentos para os centros urbanos do entorno, onde fazem exames médicos e adquirem produtos industrializados básicos.



Com a participação nessas expedições de monitoramento territorial e ambiental, muitas comunidades sentiram-se estimuladas a enfrentar esse isolamento territorial que vivem. Para isso, será preciso novas parcerias, tempo e dedicação para retomarem os caminhos dos antepassados e reapropriarem-se das rotas de navegação pelos rios que desaguam nas cidades de Laranjal do Jari e Almeirim. Há muitos desafios pela frente.

GARIMPO ILEGALE CONTAMINAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Emoção e tristeza tomam conta da equipe ao localizar dois importantes cursos d'água, poluídos por dejetos de garimpos ilegais de ouro na Rebio Maicuru: o rio Mopeku, limítrofe entre a TI Paru d'Este e a Rebio, desaguando no rio Paru cerca de 20 km a montante do limite da TI, e o rio Kurukau, que encontra o rio Paru dentro da Rebio, a 17 km do limite entre as duas unidades de conservação. Os afluentes desses rios são provenientes de regiões de garimpo, carregados de dejetos e sedimentos contaminados.



MATA ADENTRO



CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER
NO TUMUCUMAQUE OESTE

PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES



No lado oeste do Tumucumaque, as mulheres indígenas tiriyo, katxuyana, txikiyana e dos outros yana têm muitos conhecimentos importantes para seu bem viver. São as mulheres que sabem preparar sakura e outras bebidas muito apreciadas nas festas e no dia-a-dia. As mulheres conhecem cada tipo de planta que existe na roça e também como preparar a alimentação mais adequada. Outros conhecimentos importantes das mulheres estão nas pinturas corporais e na tecelagem com miçangas e sementes. O fortalecimento desses conhecimentos entre gerações é de fundamental importância para as mulheres Tiriyo, Katxuyana, e Txikiyana.



Fundação da AMITIKATXI
Articulação das Mulheres
Indígenas Tiriyo,
Katxuyana e Txikiyana.

A AMITIKATXI - Articulação das Mulheres Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana se iniciou em 2018, e está dentro da APITIKATXI. Contando com coordenadoras de todas as regiões do lado oeste do Complexo Tumucumaque, a AMITIKATXI está começando a construção do Fundo de Artesanato Wëriton Ēripowara, por meio de projeto aprovado junto à CGEtno/Funai, e com apoio do Iepé, no âmbito da implementação do PGTA.



CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER
NO TUMUCUMAQUE OESTE

NOSSAS ORGANIZAÇÕES

Em 2004, foi fundada a APITIKATXI – Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana. Por meio dessa associação, os povos indígenas da região se relacionam com as políticas do Estado Brasileiro.

A associação não toma decisões sozinhas pois ela é porta-voz dos caciques e lideranças que estão nas terras indígenas. É nos momentos de assembleia que caciques e lideranças de todas as aldeias reúnem-se para trazer para as associações suas demandas e aconselhamentos, e também para ouvir o que as associações têm feito nas articulações com os karaiwa.

As mulheres da região estão organizadas na AMITIKATXI – Articulação das Mulheres Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana; e os jovens na KİYAMÜNKĒ – Articulação dos Jovens Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana.

A articulação com o movimento indígena regional e nacional se dá por meio da APOIANP (Articulação dos Povos Indígenas do Amapá e Norte do Pará), da COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira), e da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil)



No lado oeste, as mulheres estão organizadas na AMITIKATXI – Articulação das Mulheres Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana; e os jovens na KİYAMÜNKĒ – Articulação dos Jovens Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana.

